

ISABEL RAUBER

MARTA HARNECKER
VIDA E PENSAMENTO

Tradução: Maria Almeida

1ª edição

EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo – 2022

Copyright © 2021 Isabel Rauber
Copyright © desta edição Editora Expressão Popular

Produção editorial: *Lia Urbini*
Revisão de tradução: *Aline Piva*
Preparação de texto: *Miguel Yoshida*
Revisão: *Lia Urbini*
Capa: *Felipe Canova*
Projeto gráfico: *Zapdesign*
Diagramação: *Mariana Vieira Andrade*
Imagem da capa: *Brigada Ramona Parra, Chile*
Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R239m	Rauber, Isabel Marta Harnecker : vida e pensamento / Isabel Rauber. --1. ed.-- São Paulo : Expressão Popular, 2022. 360 p. ISBN 978-65-5891-065-7 1. Harnecker, Marta, 1937-2019 – Educadora popular - Biografia – Chile. 2. Educadora marxista – Chile - Biografia. 3. Harnecker, Marta, 1937-2019 – Ativista chilena. 4. Harnecker, Marta, 1937-2019 – Cientista política – Biografia – Chile. 5. Harnecker, Marta, 1937-2019 – Psicóloga - Biografia – Chile. I. Título.
CDU 32(091)(83)	

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: junho de 2022

Editora Expressão Popular Ltda.
Rua Abolição, 197 – Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo – SP
Tel: (11) 3112-0941/3105-9500
expressaopopular.com.br
livraria@expressaopopular.com.br
www.facebook.com/ed.expressaopopular

SUMÁRIO

Prólogo à presente edição	7
<i>João Pedro Stedile</i>	
Reflexões	11
<i>Camila Piñeiro Harnecker</i>	
Palavras de Michael Lebowitz.....	15
<i>Michael Lebowitz</i>	
À guisa de introdução	17
I. UM MUNDO A CONSTRUIR: NOVOS CAMINHOS	
Um livro que sintetiza aprendizagens e propostas.....	33
Novos horizontes e conceitos que são desenvolvidos ou aprofundados	37
O Prêmio Libertador, razões de sua inscrição	75
Tipologia de seus livros.....	79
Relacionamento com as editoras	93
Socialista e marxista, uma questão de identidade	95
II. DE ALLENDE AOS GOVERNOS POPULARES DE ESQUERDA DO SÉCULO XXI	
O governo de Salvador Allende.....	105
Allende, o precursor do socialismo do século XXI.....	113
Lições do governo Allende para os governos populares.....	117
Outros temas a serem levados em conta por governos populares e pela esquerda.....	133
III. FRANÇA E ALTHUSSER: A PRIMEIRA GRANDE MUDANÇA EM SUA VIDA	
Por que França	157
“Os retiros espirituais”, um caminho até Althusser.....	163
Relação com Althusser.....	167
Os conceitos elementares do materialismo histórico	177
Volta ao Chile	181
Golpe, clandestinidade e exílio.....	191
IV. CUBA E PIÑEIRO: A SEGUNDA GRANDE MUDANÇA DE VIDA	
Primeiras visitas a Cuba (Anos 1960 e 1970)	199
Romance com Piñeiro.....	205

O exílio em Cuba e o reencontro com Piñeiro	213
A vida com Piñeiro	219
Cuba: atividade e livros.....	227
Maternidade	235
Camila.....	239
O Mepla	243

V. VENEZUELA, CANADÁ E LEBOWITZ: A TERCEIRA MUDANÇA DE SUA VIDA

Morte de Piñeiro, solidão e novos romances... ..	251
Michael Lebowitz	255
Saída à Venezuela, 2004	265
O sedimento político das experiências de Cuba e Venezuela	281

VI. DA INFÂNCIA À TERCEIRA IDADE: ALGO MAIS QUE UM SUSPIRO

Pinceladas familiares	295
O Movimento Ranquil e sua atividade nos sindicatos	309
Sua entrada no Partido Socialista	313
Romances de juventude	315
Voltar à formação política.....	323
Fama e privacidade	327
O desafio de ser avó	329
A morte, um problema a enfrentar.....	333
Mensagem de encerramento	337

BIBLIOGRAFIA CITADA.....	339
--------------------------	-----

ANEXOS

“Para construir uma sociedade socialista se requer uma nova cultura de esquerda”: Discurso de Marta Harnecker ao receber o prêmio Libertador Simón Bolívar ao Pensamento Crítico.....	343
Palavras de Marta Harnecker ao receber o Prêmio de Ciências Sociais que lhe foi outorgado pelo Clacso	357
Perfil biográfico	359

PRÓLOGO À PRESENTE EDIÇÃO

JOÃO PEDRO STEDILE

Minha geração foi formada teoricamente lendo livros de esquerda durante a ditadura empresarial-militar (1964-1985) de forma escondida. Os livros eram proibidos. Praticamente nenhuma editora brasileira podia editar ou reeditar livros em português que fossem de esquerda ou críticos à ditadura, principalmente depois de 1968, com o recrudescimento da repressão marcado pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5).

Os livros circulavam com capas disfarçadas, de mão em mão, e em alguns espaços formaram-se coletivos para debater esses raros livros, na forma de seminários, pequenos encontros e leituras coletivas.

Entre os autores prediletos daquela época, que influenciaram toda a nossa geração, estava Marta Harnecker. Muitos de seus textos foram editados durante o governo da Unidade Popular, de Salvador Allende, no Chile, e chegavam ao Brasil de alguma forma. Alguns circulavam mimeografados, a maior parte deles ainda em espanhol. Mais tarde soube que muitos intelectuais brasileiros criticavam os pequenos livros da Marta alegando que eles seriam muito manuais, que simplificavam os conceitos ou, ainda, que ela apenas copiava as ideias de Louis Althusser, o filósofo francês que foi de fato seu mestre.

Eles têm toda a liberdade de fazer suas críticas acadêmicas, mas o certo é que Marta, com seu método, popularizou o estudo entre

milhares de militantes populares e de esquerda que o utilizavam para poder entender como funcionava o capitalismo e alimentar sua luta. Portanto, os livros de Marta não tratavam de preciosismos de interpretação, e muito menos queriam substituir os clássicos; ao contrário, eles eram uma forma de popularizar o conhecimento científico desenvolvidos por estes.

Passei toda a minha juventude admirando a tal de Marta Harnecker, que muitos achávamos se tratar de alguma professora alemã, devido ao seu sobrenome. Qual não foi minha grata surpresa quando, na década de 1990, pude conhecê-la pessoalmente, por ocasião de sua vinda ao Brasil para estudar a formação pouco ortodoxa do Partido dos Trabalhadores e as experiências de participação popular nas prefeituras que ele começou a conquistar pelo Brasil afora.

De pronto tivemos uma empatia muito grande entre nós e nos tornamos amigos, além da admiração que mantinha pelo seu trabalho de intelectual orgânica da classe trabalhadora. Tivemos o privilégio de hospedá-la em nossa casa durante as estadias de trabalho no Brasil e pudemos conhecer também sua única filha Camila, e seu último companheiro Michael.

Conhecia a obra da Marta, depois conheci a Marta como pessoa, e a conheci como uma intelectual irrequieta e instigante que se preocupava em pesquisar e conhecer as muitas experiências organizativas da esquerda para poder disseminá-las por todo o continente.

Certamente Marta foi a mais latino-americana de todos os intelectuais orgânicos da esquerda. Sempre lia os processos de lutas e organizativos como parte desse imenso esforço de todo povo latino-americano. Não separava as experiências de seu Chile ou de Cuba, aonde viveu a maior parte do tempo, com o Brasil, Venezuela etc.

Gostava de pesquisar se envolvendo com os processos na prática. Não foi em absoluto uma pesquisadora de gabinete, como dizia Paulo Freire, mas uma pesquisadora de práxis.

Marta utilizou o que há de melhor no método dos clássicos, que se transformaram nos sistematizadores da experiência das organizações do povo em seu tempo. Seja no espaço da luta de massas, seja dos movimentos populares, seja das experiências organizativas partidárias.

Foi também, na minha opinião, quem melhor interpretou as ideias de Lenin, não como cópia da experiência russa, mas como lições históricas da luta de classe, aplicadas à realidade latino-americana.

Pessoalmente era uma trabalhadora incansável, obstinada, sem dia de semana nem horário específico para suas múltiplas pesquisas e para a busca por respostas às suas preocupações do “que fazer” revolucionário.

Realizava tudo isso sempre preocupada com a didática. Queria sempre que as descrições dos processos que ela pesquisava fossem facilmente entendidos pela militância, e que esta se dedicasse acima de tudo a debater com o povo para avançar em sua conscientização e organização.

Comentei, de forma genérica, algumas das qualidades de nossa querida Marta. Fico por aqui, pois Isabel Rauber, que foi sua companheira de trabalho em diversas pesquisas e conviveu com ela por muito tempo, soube de maneira genial, por meio de um rico diálogo, fazer presente o legado da Marta neste livro.

A genialidade da Isabel foi ter se utilizado dos mesmos métodos de Marta para pesquisar sua vida e obra, utilizando-se de entrevistas e da sistematização precisa e didática dessa obra teórica.

Seremos sempre gratos à Isabel por, agora, repetir a Marta e trazer seu legado teórico de vida e de prática, para que toda a militância latino-americana possa conhecê-la melhor, depois de sua partida.

Termino dizendo que Marta sempre foi uma entusiasta da ideia de que os movimentos e partidos precisavam ter suas escolas de formação política para formar seus dirigentes, quadros, militantes

e base social. Por isso, ela sempre aceitou com muita alegria todos os convites que fizemos para vir dar aulas na nossa Escola Nacional Florestan Fernandes, onde estive inúmeras vezes.

Depois de andar por acampamentos, assentamentos e cooperativas conversando com nossos militantes, ela resumiu seu olhar num livro sobre a experiência dos Sem Terra brasileiros. Ficamos muito orgulhosos quando sua família enviou suas cinzas para repousar num jardim especial dos que já foram, o Germinal na Escola Nacional Florestan Fernandes.

Marta nos deixou saudades, mas também um legado teórico e de exemplo de vida militante. Somos eternamente gratos ao esforço de Isabel, tão fiel e precisa nesta biografia política. Certamente com esse livro vocês vão conhecer quem foi Marta Harnecker.

REFLEXÕES

CAMILA PIÑEIRO HARNECKER

Agradecemos a Isabel Rauber pelo enorme esforço feito para terminar esta biografia de uma mulher que foi surpreendente em tantos sentidos. Uma mulher que teve, até os seus últimos dias, uma vida totalmente dedicada a contribuir com tudo o que podia para a construção de um mundo melhor para as grandes maiorias. Se é um desafio tentar sistematizar toda a vasta obra de Marta Harnecker, é ainda mais desafiante caracterizar a sua dimensão humana, tão pura, intensa e multifacetada.

Este livro está baseado em entrevistas – na verdade, conversas – que Isabel fez com a minha mãe durante vários dias em 2015, quando já intuía que a sua estada na terra ia se encurtando. Imaginamos que escolheu Isabel como “confidente” porque tinham trabalhado juntas por quase uma década e por ambas terem se inclinado a metodologias de trabalho semelhantes. Provavelmente também porque compartilharam a experiência de exiladas políticas em Cuba, vítimas de ditaduras criminosas que ceifaram a vida de dezenas de milhares de pessoas e que adiaram tantos anseios por sociedades mais justas e humanas.

Como filha, fui testemunha de sua total dedicação em contribuir para que esses sonhos e esperanças – como ela se referia a eles em todas as suas correspondências – não fossem anestesiados na

consciência das pessoas, nem por ditaduras nem por consumismo ou fundamentalismo religioso. Sua razão de vida era dotar as pessoas humildes, os jovens e militantes de esquerda de ideias e ferramentas para poderem concretizar esse mundo melhor possível. Espero que este livro sirva para inspirar muitos e muitas jovens a, como ela – porque ela sempre se considerou jovem, apenas com “muita juventude acumulada” –, não aceitar as injustiças e acreditar que o céu pode ser alcançado na terra.

Marta nunca se limitou apenas à crítica ao capitalismo, mas apresentou esboços desse mundo melhor que é necessário construir; ao qual ela chamou “socialismo do século XXI”. Além disso, propôs “novos caminhos” que devemos empreender para avançar até ele, evitando os erros de tentativas passadas e atuais. Por isso, em momentos em que milhões de pessoas em todo o planeta estão, uma vez mais, passando da resistência à busca de alternativas, seus escritos pedagógicos são muito úteis para compreender por que é necessário superar o capitalismo.

Este livro deve servir também aos e às militantes de organizações de esquerda porque Marta enfocou, em particular em seus últimos anos, as seguintes três ideias. Primeiro, o “instrumento político” necessário para conquistar o poder do Estado e evitar que este nos desvirtue. Segundo, o “planejamento participativo descentralizado” como componente essencial de governos com horizontes pós-capitalistas. Terceiro, e ao centro também dos dois, a importância da “participação protagonista” na tomada de decisões em todos os espaços sociais (políticos, econômicos etc.) como via fundamental para que as pessoas se autotransformem nas mulheres e homens que fundam e sustentam sociedades pós-capitalistas.

Conhecer a vida desta mulher talvez sirva também para inspirar outras pessoas inseguras como ela a superar seus medos e conseguir tudo o que se proponham com constância e dedicação. Minha mãe teve muita sorte, incluindo o fato de ter nascido em uma família

com recursos que a apoiou – embora não compartilhassem todas suas ideias e projetos – em seus anseios de aprender com o mundo e de melhorá-lo; de que Louis Althusser a aceitasse como discípula e o ajudasse a entender o materialismo histórico como ferramentas de análise, e para a construção crítica de sociedades de justiça plena; de que um pequeno revólver que meu pai lhe havia dado decidisse não cair de sua bolsa quando os militares pinochetistas lhe revistavam na casa onde estava escondida dias depois do golpe militar¹; que tantas companheiras e companheiros tão valiosos – como a autora deste livro – tenham decidido se juntar a ela e se dedicar a jornadas de trabalho intenso sem fim; que tenha podido compartilhar a vida, as ideias e as lutas com meu pai por mais de 20 anos, e que depois tenha encontrado Mike, companheiro também de ideias e lutas, e aprendido também com ele durante seus últimos quase 20 anos.

Teve sorte. Mas também teve a decisão de nunca se render às dificuldades e sempre ser otimista sobre o futuro. Sua visão da vida ficou demonstrada durante seus últimos anos e meses. Nunca a vi angustiada pela morte – nem a que caiu sobre os mais próximos, nem a que cairia algum dia sobre ela. Não que desconhecesse sua iminência: nem a morte ia lhe deter em seu empenho de continuar sendo útil para os demais. E o continuará sendo enquanto haja pessoas que se inspirem por suas ideias e exemplo de vida, assim como pelos de tantas outras pessoas que como ela dedicaram suas vidas à construção de uma alternativa verdadeiramente socialista.

Obrigada Isabel por contribuir a que muito mais pessoas a conheçam tão de perto e quem sabe se sensibilizem com o que motivava minha mãe a dar o melhor de si a cada dia.

¹ Marta Harnecker relata mais adiante o episódio, e explica que na realidade apenas as balas estariam na bolsa no momento da revista. (N.E.)

PALAVRAS DE MICHAEL LEBOWITZ

MICHAEL LEBOWITZ

Compartilhar uma vida de amor e compromisso político fez meu curto tempo [2002-2019] com Marta o mais importante capítulo de minha vida. Quando nos conhecemos, em 1998, discutimos o trabalho de Louis Althusser. Imediatamente nos demos conta, no entanto, que estávamos em grande parte de acordo sobre a importância do protagonismo e seus efeitos em transformar as circunstâncias e as pessoas. Em nosso trabalho na Venezuela, ambos nos propusemos a isto: Marta em seu Programa sobre a Participação no Centro Internacional Miranda (CIM) [que enfatizava as comunidades] e eu em meu programa de Prática Transformadora e Desenvolvimento Humano [que enfocava a autogestão operária]. No entanto, levei muito tempo para compreender a importância de seu trabalho sobre o instrumento político [outro de seus programas no CIM] e não me detive nisso até meu último livro [*Entre capitalismo e comunidade*] – e em particular, seu último capítulo, “O instrumento político que precisamos”, o qual o vejo como um tributo a Marta.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Considerações necessárias

Apresentar Marta Harnecker para vocês neste livro é uma responsabilidade quase maior do que elaborá-lo. O que dizer brevemente de uma personalidade ao mesmo tempo influente, controversa e atraente?

Começarei por contar como surgiu este livro.

Marta e eu trabalhamos juntas por cerca de oito anos. Fundamos o Centro para Recuperação e Difusão da Memória Histórica do Movimento Popular Latino-Americano (Mepla), em 1991. Como seu nome explicita, era uma ONG – da qual, inicialmente, fui vice-diretora – dedicada à recuperação da memória histórica popular latino-americana. Mas, como provavelmente muitos de vocês, já conhecia Marta por seus textos, desde os anos 1970. Primeiro foram os *Cuadernos de educación popular* [*Cadernos de educação popular*] e depois uma fotocópia de *Os conceitos elementares do materialismo histórico*, seu livro icônico que nos orientou naquela época de obscuridade, censura e repressão.

Quando em finais dos anos 1970 a encontrei em Havana, em um evento sobre Educação Popular na Casa de Las Américas, a alegria foi imensa. Não a imaginava assim, tão jovem, simples e acessível. Naquele momento combinamos de nos ver e conversar. Isso ocorreu alguns anos depois, ambas já muito dedicadas à recuperação da memória histórica. Eu estava concentrada na análise dos

processos políticos da Argentina recente e Marta, nos movimentos insurrecionais da América Central. Lembro que a visitei em sua casa em várias ocasiões até que ela me convidou para unir esforços e trabalhar juntas nessa direção: resgatar experiências por meio de testemunhos de seus protagonistas. Assim começou uma relação que – com altos e baixos próprios da vida – se manteve até o final de seus dias e se estenderá para sempre.

Em 1990, começamos a pensar na organização de uma ONG. Marta já tinha a ideia bastante avançada; havia tentado anteriormente transformar esse projeto em um departamento de pesquisas do Centro de Estudos sobre América (CEA), mas isso não foi possível. No entanto, continuamos trabalhando juntas e assim se fortaleceu o caminho para a ONG que deu origem ao Mepla. Eu me encarreguei de fazer contato com aqueles que já eram referência de organizações de perfil parecido, de reunir informação e prover ânimo. Era algo quase desconhecido em Cuba e era preciso entusiasmo – e creio que foi onde mais contribuí com o assunto, porque o restante, papelada, registros jurídicos e certificações, ficou a cargo de Marta e de sua assessora principal naquela ocasião, Grete Weinmann.

Durante anos trabalhamos para constituir o Mepla, desenvolver os projetos de investigação da memória histórica popular latino-americana, desenvolver aspectos metodológicos acerca da história oral e do testemunho neste tipo de trabalho não antropológico, mas orientado à sistematização de experiências sociopolíticas de movimentos políticos do continente que depois foi se ampliando para movimentos sociais e temas de feminismo e gênero. E eu me dedicava precisamente a essas temáticas.

Aprendi muito com Marta nesse tempo. Metodologicamente, aprendi particularmente sobre o processamento de entrevistas, tanto individuais quanto de grupo, de forma qualitativo-temática e não linear. Neste caso, experimentei concretamente com Marta a possibilidade de realizá-lo simultaneamente ou em momentos diferen-

tes, efetuando algumas entrevistas de modo individual para depois integrá-las como um testemunho coletivo. Com essa possibilidade, se abriram as portas para uma dimensão maior das reflexões, potencializando o trabalho coletivo e articulado entre protagonistas e pesquisadoras. Isso me mostrou novas potencialidades do trabalho de pesquisa a partir dos testemunhos, para recuperar experiências coletivas do continente protagonizadas por novos atores sociais.

Para realizar esse trabalho com seriedade e respeito aos protagonistas, suas realidades, identidades e pontos de vista era necessário ter extremo cuidado em não manipular os/as testemunhas no sentido de conseguir que dissessem o que se queria escutar; estimular sua expressão, sim, mas quem entrevista devia sempre guardar sua opinião para si e não a expor nas entrevistas. Foi com Marta que aprendi esse pressuposto ético-metodológico-chave para uma fiel recuperação crítica da memória histórica dos movimentos populares do continente.

Mas nem tudo foi metodologia. Ao processar testemunhos, emergiam critérios para a titulação e subtitulação dos textos que, em nosso caso, sempre estavam baseados nas ideias-chave identificadas nos testemunhos. Como identificá-las? Os debates a respeito foram muito enriquecedores e esclarecedores. Ajudaram-me a distinguir claramente entre um discurso ideológico e as práticas políticas, priorizando estas, já que se buscava a recuperação de experiências concretas. Além disso, em tais experiências Marta sempre procurou saber se as organizações protagonistas contavam ou não com uma análise pormenorizada da *correlação de forças* nesse momento, dado que – enquanto elo central da ação política – para a consecução dos objetivos propostos se torna indispensável contar com uma correlação de forças favorável. Marta havia vivido a experiência do governo de Salvador Allende e tinha consciência de que não ter levado em conta a correlação de forças sociais e políticas daquele tempo debilitou a ação política da esquerda chilena naquele momento e, portanto, o governo da Unidade Popular. Interiorizar tudo isso foi

importante em minha formação como pesquisadora, estudiosa das experiências sociopolíticas populares no continente.

Havíamos consolidado bastante nosso funcionamento como equipe do Mepla entre o ano de 1991 e 1995. Mas as restrições próprias do “período especial”, a sempre presente e crescente ameaça do Norte imperialista, irromperam em nossas atividades e abriram as comportas à incompreensão, talvez por excesso de cautela. Com a habilitação do chamado “Carril II” da lei Helms Burton (EUA), se ampliava o bloqueio e a ingerência externa para fomentar processos de desestabilização em Cuba. Em tais circunstâncias, no começo do ano de 1996, as autoridades cubanas exigiram o estrito cumprimento da “razão social” às ONGs existentes em Cuba.¹ Obviamente, isto não se referia a nós nem afetava nossas atividades. Porém, na vice-direção do Mepla eu levava adiante trabalhos comunitários que não faziam parte de seus fundamentos originários; por conta disso, consideramos melhor que eu me dedicasse ao projeto de cooperação comunitária com o bairro de Cayo Hueso, ao qual me uniam laços de profundo compromisso. Ali – de um modo participativo –, impulsionamos atividades em diversas áreas do bairro, em parceria com a Oficina de Transformação Integral da localidade e com todos os fatores comunitários do bairro. Muito haveria para compartilhar de tal experiência que se desenvolveu por mais de uma década, mas não é este o lugar nem o momento. Se o menciono aqui é para não omitir o distanciamento que as condições daquele momento produziram entre mim e Marta. Mas sempre mantivemos o diálogo, atitude que nos afastou de enfrentamentos estéreis. Desse modo, o trabalho sustentado por ambas com uma mesma direção e horizonte voltou a nos reunir como companheiras que sempre fomos e em poucos anos voltamos a fazer coisas juntas.

¹ A esse respeito, pode-se consultar a nota publicada no periódico *Granma*, de 27 de março de 1996.

Lembro-me, por exemplo, da revisão que fiz de seu livro *Ecua-dor: una nueva izquierda en busca de la vida en plenitud* [Equador: uma nova esquerda em busca da vida em plenitude], do qual Marta me solicitou que fizesse o prólogo [2011]; as conversas metodológicas por Skype que mantivemos quando ela já estava doente no Cana-dá; as cartas que compartilhamos dentro de um amplo coletivo de amigos; a revisão de seus textos e o intercâmbio de pontos de vista sobre o planejamento participativo,² o recebimento em seu nome do Prêmio Latino-Americano e Caribenho de Ciências Sociais, que lhe foi outorgado pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) em reconhecimento a sua contribuição às Ciências Sociais, ao pensamento crítico e às lutas políticas na área das Ciências So-ciais, em novembro de 2018... E finalmente surgiu o projeto para esta escrita.

Quando Marta me propôs a realização desse livro, eu já havia decidido retomar meus testemunhos de histórias de vida de mulhe-res do continente para repensar juntas novos desafios do feminis-mo, do gênero, do poder e da política patriarcais, particularmente com relação à sua marca cultural e ideológica. E havia pensado nela como uma das grandes mulheres do continente indo-afro-latino-america-no, entre minhas candidatas para entrevistar. Segundo me comentou Marta, a enfermidade a havia levado a pensar em seu legado, em suas memórias, e queria que eu fosse sua interlocutora.

² Isto é apenas para mencionar o último período, uma vez que antes de 1998 o intercâmbio e as atividades comuns eram permanentes e cotidianas para nós, revisando textos, debatendo questões metodológicas ou trabalhando textos em conjunto, como ocorreu especificamente com o livro *Los desafíos de una izquierda legal* [Os desafios de uma esquerda legal], que recupera criticamente a experiência da Frente Ampla uruguaia. Também produzimos conjuntamente: *Esquema para un análisis de coyuntura* [Esquema para uma análise de conjuntura (1991)]; *Hacia el siglo XXI la izquierda se renueva* [Rumo ao século XXI a esquer-da se renova] (1991); *Memoria oral y educación popular: reflexiones metodológicas* [Memória oral e Educação popular: reflexões metodológicas] (1996).

Ou seja, se produziu novamente uma convergência de propósito entre ambas de forma que, de imediato, decidimos colocar mãos à obra e iniciar os diálogos

Conforme ela me disse, alguns intelectuais – por pedidos de editoras – haviam se oferecido a fazer sua biografia, mas ela queria outra coisa, um texto pedagógico, com relatos em forma de diálogos que permitirão que leitores e leitoras se aproximem dela e conheçam seu pensamento de um modo simples e direto, sem rebuscamento. E foi por isso que pensou em mim. Porque segundo ela eu havia captado e desenvolvido um estilo de entrevistas-testemunho e uma metodologia de processamento e elaboração do texto que era – segundo suas palavras – muito semelhante ao dela.³

Por isso, estou convencida que Marta quis que eu elaborasse este livro tal como o apresento agora a vocês. Ele é o resultado de sete encontros e conversas que foram levados a cabo, a princípio, no ano de 2015, em Havana. As transcrições e verificações iniciais foram demoradas, pois decidimos conversar livremente, não em formato clássico de entrevista. Os intercâmbios entre nós se mantiveram nos anos posteriores por correio eletrônico, embora com muitos altos e baixos pelas complicações de saúde de ambas. Lembro que, inicialmente, nos detivemos mais no período de sua vida na França, porque ela havia escrito um artigo sobre sua relação com Althusser⁴ e – seguindo seu método – apelou também para esse artigo na conversa que havíamos tido sobre esse tema. Depois, revisamos outros aspectos sobre a tipologia de seus livros, sua vida pessoal etc.

³ Ela expressou isso, por exemplo, quando propôs que eu recebesse – em seu nome – o Prêmio que lhe foi outorgado pela Clacso: “o ideal é que o prêmio seja recebido pela pesquisadora argentina Isabel Rauber, que foi subdiretora do Mepla e a única que soube fazer seu meu método de trabalho”. Trecho retirado do correio eletrônico que ela escreveu à Clacso com cópia para mim, em outubro de 2018.

⁴ Ver Harnecker, 2016.

Não foi possível revisar com ela as versões finais. Para esclarecer alguns aspectos que considere necessários, consultei pessoas que ela havia mencionado, revisei seus textos e – segundo suas próprias sugestões – busquei comparar informação entre as tantas e tantas entrevistas que ela deu em vida. Falamos à distância sobre alguns pontos, mas ela estava muito concentrada em seus trabalhos. E se nunca quis desviar-se de seu objetivo, muito menos no último período, que intuía ser curto para seu empenho em concluir um texto que considerava chave⁵ e deixá-lo pronto para divulgação. “Isabel, consulta entrevistas anteriores, procura o que eu disse ali e incorpora-o, sou eu mesma em todas”, foram suas palavras muitas vezes ante minhas insistentes consultas.

Isso não foi fácil para mim, porque não me sinto confortável com isso, embora compreenda suas razões. E, no entanto, eu também não estou bem de saúde, ao contrário, muito limitada no que se refere à mobilidade; decidi elaborar este texto a partir das conversas recíprocas, com informação que pude verificar (nomes, datas...) e de acordo com os objetivos que me havia proposto no início: identificar e evocar grandes momentos e etapas de sua vida, combinados com as experiências vividas nos países onde residiu: França, Chile, Cuba e Venezuela. Em seu devir, isso foi moldando-transformando seu modo de ver e pensar o mundo, desde a infância até o momento em que lhe outorgaram o Prêmio Libertador ao Pensamento Crítico [Caracas, 2014]. Este percurso me permitiu identificar três grandes rotações e mutações em sua vida e pensamento, sobre as quais organizei este livro.

Reservei uma parte das conversas que tivemos para uma edição posterior, mais ampla, que emergirá de um grande trabalho de busca e pesquisa, quando a minha saúde me permitir fazê-lo. Isto resultará

⁵ Trata-se de seu trabalho *Planificación participativa descentralizada* [Planejamento participativo descentralizado], com várias edições e ampliações.

em outro livro, metodologicamente diferente deste, baseado no seu testemunho. Já está na minha agenda.

Gostaria de agradecer especialmente o apoio de Camila Piñeiro Harnecker em todos os momentos, assim como a colaboração da companheira Lorena Carlota, assistente pessoal de Marta Harnecker nos últimos anos. Ela me forneceu – como combinado com Marta – um caudal de informação indispensável que estava nos arquivos da Marta em Havana, o que contribuiu para agilizar o trabalho de processamento da informação.

Este livro foi estruturado em seis capítulos, começando por abordar as chaves do pensamento maduro de Marta Harnecker e terminando com o percurso pelas etapas iniciais de sua vida. Princípio e fim são unidos em sua história pessoal e na de seu pensamento, dando lugar a um fechamento que resume e simboliza o movimento de sua vida em constante revolução.

Agradeço à Editora Expressão Popular por sua decisão de traduzi-lo e publicá-lo no Brasil, neste difícil tempo de pandemia. Agradeço também o apoio determinado do companheiro e amigo João Pedro Stedile, autor do prólogo e entusiasta desta edição.

Gostaria de ter concluído este texto há um ano, mas a irrupção da covid-19 impôs isolamentos prolongados que impossibilitaram o acesso aos arquivos conforme o previsto. Mas com audácia e tenacidade, conseguimos reunir o suficiente para esta primeira e maravilhosa edição que é mais que um livro, é uma homenagem a uma das grandes intelectuais orgânicas pela emancipação dos povos de Nossa América.

Marta não era uma acadêmica tradicional, institucional, e nunca posou como tal. Os fundamentos de seu pensamento social foram desenvolvidos a partir de sua militância católica que despertou desde jovem sua sensibilidade a respeito das razões da existência da pobreza. Isso motivou, de sua parte, uma busca sobre as formas para erradicá-la. Com esse empenho chegou a Paris, ao marxismo e

a Althusser, com quem trabalhou muito de perto, participando em seus seminários, traduzindo seus textos, transmitindo suas ideias... Ao regressar ao Chile, rapidamente se converteu em uma pensadora que compreendia as complexidades da esquerda latino-americana, uma revolucionária e uma excepcional comunicadora.

De caráter forte, incansável no trabalho, extremamente exigente, especialmente com ela mesma, Marta sempre se vestiu modestamente; dirigia um pequeno veículo europeu que servia a múltiplos fins. Em tempos agudos do “período especial” – mais de uma vez – ela colocou seu automóvel à disposição para pôr em funcionamento uma espécie de “usina elétrica ambulante”. Com o automóvel em marcha carregávamos as baterias que depois conectávamos a um conversor para ligar os computadores e impressoras e concluir a elaboração de textos urgentes ou imprimir os originais para levá-los à gráfica (segundo as exigências daquele tempo). Ela financiou muitos dos seus livros. Pode-se dizer que subordinou a sua existência ao que foi o seu propósito de vida: produzir e difundir conhecimento revolucionário.

Marta nos ensinou muito

Quando Marta Harnecker escreveu *Os conceitos elementares do materialismo histórico*, ela estava longe de imaginar que sua difusão removeria as pedras do pensamento e das práticas revolucionárias de então (e de daí em diante...). Apesar disso, insatisfeita consigo mesma, ela continuou buscando modalidades pedagógicas para comunicar conteúdos teóricos, daí *Los cuadernos de educación popular* [*Cadernos de educação popular*]. Tudo isso, combinado à militância política e o trabalho como jornalista encarregada do *Chile Hoy*, foi deixando marcas em seu pensamento e abriu as portas às buscas e reflexões ancoradas na palavra dos protagonistas.

A maior grandeza da obra de Marta reside, talvez, no fato de ela não ter procurado grandeza pessoal, mas sim pôr em relevo as

experiências de luta dos povos e de suas organizações em busca de um projeto superador do capitalismo, para contribuir com a construção de um novo horizonte coletivo em comum, que ela definiu como o “socialismo do século XXI”. Esta proposta foi o resultado de décadas dedicadas à reconstrução do pensamento sociotransformador a partir de conhecer, sistematizar e difundir experiências alternativas desde a base indo-afro-popular deste continente, promovendo sua difusão sem preconceitos, sem mordanças nem temores ao “que dirão”.

Marta Harnecker, uma intelectual orgânica comprometida com os povos, acompanhou os processos populares de mudança social; aprendeu com eles e, ao mesmo tempo, teve a honestidade de expressar seu enfoque crítico quando identificou algumas práticas que considerou prejudiciais aos processos de mudanças sociais. Buscou sempre ajudar os protagonistas a crescer e a desenvolver também neles o olhar crítico a respeito de suas experiências para amadurecer coletivamente, fortalecer-se e renovar esforços e vontades para construir um mundo novo, superador do capitalismo.

Sua apurada técnica de entrevistas está ligada a essa finalidade pedagógica e política. Não corresponde ao formato nem aos procedimentos jornalísticos; expressa – do meu ponto de vista – uma visão epistemológica que é consciente de que não haverá pensamento novo se não se esquadriñar as práticas dos povos que os impulsionam, mesmo que o façam, talvez, de maneira desordenada, incompleta. Este tem sido, para mim, um posicionamento teórico-prático modular que constituiu um ponto de convergência entre ambas para manter e desenvolver nosso trabalho.

Marta buscou com agudeza interrogar os entrevistados e as entrevistadas promovendo e destacando sempre, em primeiro plano, suas reflexões. Destaco-o porque é talvez uma das mais raras práticas intelectuais em nosso meio e no mundo: subtrair

tempo ao desenvolvimento do pensamento próprio para dedicá-lo a expor o pensamento de sujeitos coletivos do campo popular, geralmente privados da palavra (enquanto expressão de pensamento coletivo).

Para isso, Marta Harnecker estava disposta também a aprender com os povos, consciente de que os processos de transformação revolucionária são, ao mesmo tempo, processos de conscientização e (auto)constituição dos atores sociais diversos e dispersos, em sujeito coletivo. Porque um/uma intelectual orgânico/a não é quem se autoproclama como tal e diz: “Sigam-me”, mas sim quem é capaz de mostrar e demonstrar que: os povos sabem e – articulados com seus saberes e sabedorias – é possível mudar o presente e construir um mundo novo. A consciência dessa afirmação resume o caminhar de Marta e as transformações de seu pensamento. E se expressam em seu livro *Um mundo a construir: novos caminhos*,⁶ que recebeu o “Prêmio Libertador ao Pensamento Crítico” [2014] e que – por isso – decidi que fosse o primeiro capítulo deste livro.

Os resultados de seu trabalho constituem um patrimônio dos povos

O que foi dito me permite afirmar que os resultados da tarefa intelectual de Marta Harnecker pertencem a todos nós; constituem um patrimônio dos povos. Enquanto *conhecimento construído* é uma obra conjunta, alinhavada e reconstruída passo a passo entre todos e todas e que a todas e todos – incluindo o intelectual participante – faz crescer, refletir e amadurecer.

É por isso que os textos que Marta Harnecker põe à disposição dos/das leitores/as, em sua maioria militantes por um mundo melhor, não são apenas livros e muito menos “reportagens”; trata-se

⁶ Esse livro foi publicado no Brasil pela Expressão Popular em 2018. (N. E.)

de uma grande obra política pedagógica popular que contribui ao amadurecimento da consciência revolucionária coletiva.⁷

Ela tomou consciência de que os processos revolucionários não são obra de elites iluminadas nem de messianismos individuais, que são os povos, em sua diversidade, os que – articulando-se – vão tomando as rédeas de suas vidas; e em suas experiências de resistência, luta e transformação vão se constituindo em atores políticos coletivos capazes de protagonizar sua história. Enquanto intelectual orgânica, sua obra é parte desses processos de luta, da construção e (auto)constituição dos sujeitos e de sua aposta histórica, de seus processos de amadurecimento e empoderamento coletivos, contribuindo para os diversos acúmulos (de consciência, organização, projeto, vontades, saberes e poder), orientados a fortalecer suas capacidades de rupturas cada vez mais profundas com o funcionamento do capital.

Em seus textos, Marta Harnecker tem presente também o internacionalismo, posto que nos convida a refletir a partir das experiências dos povos indo-afro-latino-americanos e do mundo, enriquecendo-nos e fortalecendo nossa espiritualidade ao colocar ao nosso alcance a alentadora aposta global dos povos que lutam pela vida, pela justiça, pela paz e pela felicidade.

No entanto, não pôde – e creio que também não se propôs – abordar todas as dimensões de uma sociedade em transformação. Poder-se-ia dizer que os temas relativos ao questionamento mais aprofundado do poder patriarcal machista de dominação e subjugação da sociedade – e particularmente da mulher – não estiveram muito presentes em sua produção.

Quando conversamos a esse respeito – e está neste livro –, Marta disse:

⁷ Todas as suas publicações estão disponíveis, precisamente por isso, no portal web de *Rebelión*. Pode ser visitado em: <https://rebelion.org/autor/marta-harnecker/>

Eu não conheci o pensamento feminista, eu não li feministas; no entanto, se você ler meus textos a partir das entrevistas às guerrilhas de El Salvador, se dá conta que há temas que foram reivindicados pelo feminismo, como a democracia, a participação, o respeito às diferenças. Esses temas estão presentes. E me dou conta de que estão presentes porque os comandantes guerrilheiros assimilaram o pensamento das comandantes ou... conseguiram que fossem incorporados à sua visão da política elementos que eram considerados do pensamento feminista.

Ou seja, de alguma maneira Marta teve presente em seus trabalhos os postulados do feminismo e de gênero, embora raramente de modo explícito ou como tema central de suas reflexões. Em certa ocasião, reuniu o testemunho de Rebeca (Lorena Peña), comandante da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) de El Salvador no livro *Los retos de la mujer dirigente* [*Os desafios da mulher dirigente*], de 1994. Na apresentação, Marta dizia:

Desta e de outras entrevistas realizadas pelo Mepla destaca-se a necessidade urgente de elaborar um projeto alternativo de sociedade que leve em conta as diferenças de gênero, que supere o direito burguês. Este, embora proclame a igualdade universal, ao desconhecer a desigualdade real dos indivíduos na sociedade capitalista, se limita a defender uma igualdade que para muitos é algo meramente formal. É necessário elaborar um projeto de sociedade que – partindo da desigualdade real de gênero – defenda e propicie uma igualdade efetiva de ambos os sexos. Um projeto que abandone a concepção burguesa da família, não para destruí-la, mas para superar uma concepção patriarcal, discriminatória, individualista e hipócrita de família. Um projeto que permita que a mulher chegue a cargos de direção política sem que a mulher se veja constrangida a ter que renunciar a ser mãe, esposa e amante para cumprir essas tarefas.

Suas palavras dão conta de sua posição neste tema. Ela sabia que não havia dedicado tempo a esta dimensão do poder, pois estava centrada no resgate de experiências coletivas; no entanto, isso não a fez desconhecadora da importância do enfoque feminista e de gênero para ancorar e conectar os processos emancipatórios como aqueles fundamentados na despatriarcalização descolonizadora ou descolo-

nização despatriarcalizadora, entendidos como fatores de fundo para a germinação e construção de uma nova civilização (re-humanizada).

Isso me transporta ao Equador, em 26 de agosto de 2016, quando Marta Harnecker recebeu a Ordem Nacional ao Mérito no Grau de Cavaleiro das mãos do chanceler equatoriano, Guillaume Long. Depois de entregar-lhe esse reconhecimento de Estado, ele disse: “Não consigo pensar em nenhuma outra intelectual com a constância e dedicação de Marta. Ela é a demonstração mais clara de uma intelectual comprometida com a transformação de nossas sociedades, tão injustas e vergonhosas em tantos aspectos”.⁸

Nessa ocasião, Marta fez um breve repasse por sua militância católica e sua aterrissagem no marxismo, que – segundo suas palavras – foi para ela “um instrumento para concretizar o amor”. Referiu-se também ao trabalho da esquerda na região que, depois de muitos anos de lutas, conquistou o poder político em muitos países, podendo colocar em andamento políticas de Estado demandadas pelos povos.

Assim concluo esta introdução, esperando ter oferecido nela elementos suficientes que convoquem à leitura do livro. Ele faz parte do sentido fundamental de nossa prática intelectual, política e social, articulado sempre com múltiplos processos de construção de poder popular que se desenvolverão no continente. E tem como finalidade – primeira e última – compartilhar e reafirmar o que Marta enfatizou também em Quito, naquela ocasião: que os povos buscam a felicidade e que essa felicidade se consegue transformando a sociedade.

Nisso estamos.

Isabel Rauber

Buenos Aires, abril de 2021

⁸ Publicada originalmente por *Diario El Telégrafo*. Disponível em: www.eltelegrafo.com.ec/noticias/cultura/7/marta-harnecker-recibio-la-orden-nacional-al-merito. Nota original: www.eltelegrafo.com.ec